

mário sacramento



TEATRO ANATÓMICO

MÁRIO SACRAMENTO

TEATRO ANATÓMICO

A T L Â N T I D A • 1 9 5 9

À procura de Pirandello
ou um ensaio em guisa de prefácio

O Teatro é a ficção pura. O faz-de-conta da novelística obriga o leitor a trepar numa escada de palavras para alcançar o clima artístico que lhe é próprio. Dá-se o mesmo com o cinema, através das imagens. Mas no Teatro a transposição é imediata e global. Ele é acção de uma ponta à outra — acção directa ou reflectida. A narrativa ou o comentário em que esta última se converte, reconduzem à acção presente o eco duma acção transacta, como o caixeiro-viajante de Miller (por exemplo) glosa ao extremo limite. Mas a acção teatral tem as dimensões sui generis (no espaço e no tempo) da sua própria ficção. E essas dimensões definem desde logo ao Teatro (para além das controvérsias de escola) um realismo antinaturalista. O cenário, a mímica, a caracterização, o diálogo, as marca-

trocado) quando a ficção e o real fazem um. «Ser, ser não é nada, ser é construir-se» (Como tu me queres). Só para o demonstrar Pirandello fez vir do nada — do nada exacto — alguns dos seus personagens. E reconduz ao nada o personagem central da sua peça mais bela — Vestir os nus —, fazendo-o esboçar, em plena agonia, «um gesto de piedade desolada, gesto que indica, sem palavras, por que experimenta a humanidade a necessidade de mentir» — a necessidade duma ficção que vinque a vida reganhando-a em real estético.